



DL-01

Ses. Esp. 11/06/10

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 100 anos do Ilê Axé Opô Afonjá, proposta pelo nobre deputado Bira Corôa.

Convido para compor a Mesa o Sr. Presidente da Comissão Especial de Promoção da Igualdade e proponente da sessão, deputado Bira Corôa; convido o Sr. Vice-Prefeito da cidade do Salvador, Edvaldo Brito (palmas); convido meu querido amigo, o deputado federal Zezéu Ribeiro (palmas); convido a ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, Mãe Stella de Oxóssi, (palmas); convido o ogã José de Ribamar Feitosa Daniel, presidente do Conselho Civil da Sociedade Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá; convido o Sr. Luís Domingos, obá de Xangô; convido o Sr. Diretor do IRDEB, Pola Ribeiro; convido o Sr. Adido Cultural da Nigéria, Ayô Ayanwale.

Assistiremos a apresentação do grupo de atabaques do Ilê Axé Opô Afonjá.

(Apresentação musical do grupo de atabaques.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido para compor a Mesa a juíza Luislinda. (Palmas)



10152-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or. Bira Corôa

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado Bira Corôa, proponente desta sessão.

O Sr. BIRA CORÔA- Sr. Presidente deputado Marcelo Nilo, Srs. e Sr^{as} que ora representam este ato, quero saudar a Mesa saudando o Sr. Edvaldo Brito, vice-prefeito do município de Salvador, o Sr. Zezéu Ribeiro, deputado federal, Mãe Stella de Oxóssi, ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, o Sr. José Ribamar Feitosa Daniel, ogã, o obá de Xangô, Luiz Domingos, O Sr. Pola Ribeiro, diretor do Irdeb, O Sr. Ayó Ayanwale, adido cultural da Nigéria, a Sr^a Luislinda, juíza, mas, em especial, saúdo a todos e a todas aqui presentes neste ato.

Quero ser muito breve visto que, no dia de hoje, somos tomados pela emoção, reafirmando a linha das nossas razões, mas, acima de tudo, reconhecendo que este ato tem um brilho especial para todos nós, um brilho trazido pela nossa ancestralidade, pelos nossos pais e mães, jovens que foram sequestrados da mãe África, trazidos nas piores condições humanas para esta nova terra e aqui, com a dignidade, com a valorização, com a força e com a capacidade de preservar os nossos valores culturais, nos permite hoje formar parte significativa desta Nação brasileira, e, sem dúvida alguma, no Estado Bahia representamos quase a totalidade da população.

Sem dúvida alguma, comemorar, Sr. Presidente, 100 anos de edificação de um templo religioso é muito mais do que um tempo, porque é a prova concreta da resistência, acima de tudo, da formulação de uma sociedade na qual estamos inseridos. Um terreiro não representa apenas um templo e as suas ações religiosas, representa o resgate aos valores que nos foram tirados e o direito de organização que nos foi extraído. A partir da família, e a terminologia pai e mãe vem exatamente desse resgate, da reestruturação social, porque nos terreiros não há divisão de classe, nos terreiros não se exclui pelo gênero, nos terreiros não se



exclui pela orientação sexual, não se exclui indivíduos por ter maior ou menor poder aquisitivo.

E é nesse contexto de formulação e prática de igualdade que estamos comemorando, com muita satisfação, estes 100 anos nesta sessão especial proposta pela Comissão da Promoção da Igualdade desta Casa Legislativa.

Não poderíamos, Sr. Presidente, deixar de registrar nos Anais deste Poder o resgate da nossa história. Ou seja, aquilo que foi extraído ou não colocado, que são as nossas origens e a nossa participação na construção desta sociedade em que estamos inseridos.

Sem dúvida alguma, em 1910, quando se edificava esse templo religioso, o Brasil passava por um processo de transformação. Saíamos de um regime imperial e havia a afirmação da República. E não podemos perder de vista que as sanções repressivas eram muito fortes naquele período, quando vigorava o código criminal da República, o qual discriminava e impedia a prática da capoeira e do Candomblé.

Sem dúvida, Sr. Presidente, senhores e senhoras presentes, a Mãe Ana trouxe uma contribuição ímpar para as nossas vidas. Naquele exato momento de repressão, ela não apenas edificava mais um terreiro na cidade do Salvador, mas partia para a luta e reafirmava as nossas origens, cultuava as nossas crenças. Foi também capaz de fazer o confronto com a própria República para assegurar o direito da prática do Candomblé a partir de 1937, quando o então presidente Getúlio Vargas o reconhece como uma religião e não como uma seita. E esse é um dado importante.

Quero, Sr. Presidente, para não me alongar mais, citar alguns dos muitos ensinamentos deixados por Mãe Ana. Um deles está registrado numa célebre frase que ela disse: queria ver os seus filhos aos pés do Xangô com anel de doutor. Ali estava a marca de alguém que tinha perspectiva de vida, que lutava por uma sociedade igualitária (palmas), que acreditava que o direito constitucional deveria respeitar o negro praticante do Candomblé, assegurando-lhe o direito de ser respeitado pelo Estado, nas mesmas condições.

Condições essas, Sr. Presidente, que ainda estamos lutando para tê-las; condições essas, nobre deputado Zezéu Ribeiro, que ainda temos de buscar. A exemplo da disputa que temos no Supremo Tribunal em decorrência da ação de uma agremiação política partidária, o



DEM, que está tentando excluir as cotas. Isto é, quer acabar um direito constitucional que assegura o direito de o povo negro ingressar nas universidades públicas.

Sem dúvida alguma, vários seriam os fatos que ainda poderíamos listar nesta manhã para reafirmar a necessidade da luta. E devemos registrar não apenas os ensinamentos que Mãe Ana nos deixou. Devemos também ressaltar o que ali está simbolizado em cinco mulheres, em cinco líderes religiosas, Sr. Presidente. E mais do que isso, cinco personalidades da nossa história que ainda precisam ser incluídas nos nossos livros de História, fato a fato, passo a passo, contribuições a contribuições. Não vou destacar pelo elevado tempo, mas quero chamar a atenção, Sr. Presidente, que 100 anos não são 100 dias. Cem anos, em nossa história, corresponde a um século da força da determinação, da resistência, mas acima de tudo, do sofrimento, do descaso e desrespeito que foi imposto ao nosso povo, mas que aqui hoje podemos ressaltar.

E em nome de Mãe Estela, quero concluir dizendo que ali está mais uma prova concreta da capacidade de condução da mulher: cinco regentes, cinco matriarcas que nos deram lições ao longo de 100 anos e ainda hoje. Mãe Estela, quero dizer o quanto temos de satisfação por tê-la como líder espiritual, como regente em nossas ações, e, acima de tudo, satisfação de ter a resistência plantada na senhora e em todas as mães e pais de santos que fazem do candomblé a instituição mais afirmativa nossa, negra, neste Estado mais negro e neste Brasil.

Por isso, no dia de hoje, quero saudar todo o povo de santo em nome de Mãe Estela e em nome do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, saudar todos os terreiros e agradecer pela resistência e por suas existências. Sem vocês, sem dúvida alguma, não teríamos identidade. E a nossa identidade não está apenas na epiderme, está na razão de ser negro.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 11/06/10

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença da deputada Antônia Pedrosa.

Convido para a Mesa a Sr^a Deputada Federal Lídice da Mata; e o Sr. Major PM Peixoto, representante do comandante geral da Polícia Militar, coronel Nilton Mascarenhas.

Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, gostaria de, antes de passar a presidência dos trabalhos ao nobre deputado Bira Corôa, agradecer a todos pelas presenças e dizer que este é um momento especial para este Poder, esta Casa que é do povo, a Casa de todas as representações populares do nosso querido Estado da Bahia, essa Bahia de tantas belezas naturais, de tantas religiões e de tantas pessoas que fizeram este Estado poderoso.

Quero agradecer em especial a Mãe Estela por nos honrar muito com sua presença nesta Casa, que é a Casa das forças heterogêneas, é a Casa das leis. Nós, que fazemos o Poder Legislativo baiano, sentimo-nos honrados. Por unanimidade, foi aprovada pela Mesa Diretora uma homenagem, que vai ser feita por este presidente, com a entrega desta placa que homenageia o centenário do Ilê Axé Opô Afonjá, tendo em vista que 100 anos não são 100 dias. Cem anos que passaram a ser um patrimônio desta terra chamada Bahia.

Portanto, em nome do Poder Legislativo baiano, a Casa das leis, entregamos a Mãe Estela esta placa que representa a honra que o Poder Legislativo baiano, neste dia 11 de junho, através de uma solicitação especial do nobre deputado Bira Corôa, deputado de primeiro mandato, mas que chegou a esta Casa para a alegria de todos nós, de todo o povo baiano, um deputado assíduo, respeitado e que defende muito a raça negra nesta Casa, presidente de uma das comissões mais importantes desta Casa, a Comissão de Igualdade Racial.

Portanto, em meu nome e em nome do Poder Legislativo, convido o deputado Bira Corôa para entregarmos a Mãe Estela esta placa. (Palmas.)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

(O Sr. Deputado Bira Corôa entrega a placa de homenagem pelo Centenário do Ilê Axé Opô Afonjá. (Palmas.)

Peço desculpas, vez que vou ter que me ausentar, então passo a presidência dos trabalhos ao deputado Bira Corôa.



10153-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or. Zezéu Ribeiro

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar e registrar a presença da deputada Antônia Pedrosa. Passo a palavra neste exato momento ao deputado federal Zezéu Ribeiro e também fazer uma correção. Este ato foi também uma participação do mandato do deputado Zezéu Ribeiro, foi através dele e de sua assessoria que discutimos e conseguimos realizar este ato nesta Casa Legislativa.

O Sr. ZEZÉU RIBEIRO:- Bom dia a todos companheiras e companheiros aqui presentes, um bom axé para todos, quero saudar o presidente da Mesa e proponente desta sessão, companheiro Bira Corôa, e dizer, Bira, assim como estamos realizando esta sessão especial hoje na Assembleia Legislativa, encaminhei à Mesa, também, da Câmara Federal um requerimento para que possamos realizar em agosto uma sessão em homenagem aos Cem anos no Ilê Axé Opô Afonjá.

Então, deputada Lídice da Mata, em agosto estaremos em Brasília para fazer essa homenagem a nossa companheira, a nossa amiga, a nossa orientadora Mãe Stela e em comemoração dos Cem anos do Ilê Axé Opô Afonjá.

Quero saudar a Mãe Stela que dirige esta Casa e me dirigir, também, as suas antecessoras, a Mãe Aninha, a Mãe Bada de Oxalá, a Mãe Senhora, a Mãe Ondina e hoje a mais longeva das mães do Terreiro que é a Mãe Stela. (Palmas.)

Nós temos buscado no Brasil, recentemente, a partir do gesto de Vargas em 37, mais recentemente nas políticas de reparação e de superação da situação das diásporas, valorizar o que há de mais importante na cultura dos afrodescendentes, na formação do nosso povo, da nossa identidade nessa diversidade que é o Brasil.

Tive o prazer de trabalhar o conceito que me parecia necessário realizar, que era da identificação dos terreiros como a matriz dos quilombos hoje urbanos, quer dizer, o quilombo rural é de fácil identificação pela própria segregação espacial, temporal em que viveu. O quilombo urbano é de difícil identificação, e nós precisamos desenvolver uma metodologia



de reconhecimento quilombo urbano para usar o preceito constitucional do direito a essa terra, e a tese que defendo, que precisa ser testada, é que o terreiro é a origem e é o remanescente daquele quilombo que com o processo de conurbação virou um espaço urbano.

Então, foi com essa tese que me coloquei diante de Bira, á época presidente da Fundação Palmares, para uma emenda parlamentar para que desenvolvesse essa metodologia, e Bira e Ângela Gordilho, então secretária de habitação do município me induziram a que ao invés disso, isso era um trabalho de fôlego que a gente precisava de maior afinco, que a gente trabalhasse o inventário de terreiros aqui em Salvador. Acho que esse trabalho foi feito pelo CEAO, com participação ativa das diversas casas e com a representatividade, extremamente importante, servindo de referência, hoje, para todo o Brasil em diversos outros municípios, e mesmo do Estado do Rio de Janeiro. No Estado está se fazendo um inventário das casas de santo e das diversas matizes que ocorrem, e que acho que isso vai fortalecer o ato de apresentação desse inventário na Reitoria da UFB^a. Foi um momento extremamente importante de afirmação da dignidade da cultura afro-brasileira e de levantamento da autoestima do nosso povo. Aquilo me marcou profundamente. E hoje, quando a gente, aqui, comemora os cem anos a gente dá continuidade a esse trabalho.

O governo federal, a partir da criação da Secretaria Especial, hoje Ministério da Reparação, vem desenvolvendo políticas afirmativas nesse sentido. Bira se referiu a uma e fazendo referência à expectativa da Mãe Aninha no sentido de que os negros tivessem um anel, mas no sentido de que eles tivessem a capacidade de poder, de decisão, porque às vezes a gente reclama dos juízes, dos delegados, dos poderes constituídos como um todo e isso é fruto de uma cultura elitista, devido a nossa descendência, esses eram os que tinham direito.

Quando a gente faz o acesso dirigido do curso universitário para os filhos da agricultura familiar, da reforma agrária, há reação a isso, e esquecem-se que havia a lei do boi, que eram os filhos dos fazendeiros é que tinham acesso privilegiado aos cursos de veterinária e de agronomia em nosso país.

Então, a política de reparação, a política de cota é para poder, para que a gente faça, efetivamente, a inserção de segmentos hoje marginalizados em nosso processo, com a valorização da sua cultura. Então, o trabalho de reconhecimento dos terreiros, da sua



dignidade, do inventário e as consequências que ele pode dar na recuperação, porque estão fazendo a recuperação de diversos terreiros, 53 terreiros, com recursos federais, processo de regularização fundiária, na maioria das casas o inventário registra que não tem nenhum papel, é feito fruto da tradição, que muitas vezes dificulta até uma inversão pública nesse espaço e trabalho efetivo, também, de tombamento.

A Casa, o Terreiro de São Gonçalo, que hoje estamos comemorando aqui os cem anos, é um baluarte dessa luta, é uma referência internacional reconhecida pelo seu trabalho, e o momento em que a gente festeja isso a gente quer, como faz o *slogan* das comemorações dos cem anos do candomblé de São Gonçalo, e daí nasceu o encanto e que o encanto se instale em todos nós.

Muito axé.

(Palmas, muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



10154-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or. Lídice da Mata

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Passo a palavra neste momento à deputada federal Lídice da Mata.

A Sr^a LÍDICE DA MATA:- Bom-dia a todos e a todas. Um grande axé. Peço licença à Mãe Stela e em seu nome quero saudar toda esta Mesa de representação tão valorosa, que temos neste momento.

Quero fazer, se possível, meu companheiro Bira, presidente desta sessão, uma saudação rápida. Essa é a maior ameaça que faz um político baiano. Toda vez que político baiano pega o microfone geralmente demora, faz parte da nossa cultura. Mas, como hoje temos uma agenda muito grande e com a presença do ministro Juca Ferreira aqui, eu tenho compromisso de estar, quero pedir licença para dar uma palavrinha, saudando a realização desta sessão especial, de homenagem aos 100 anos do Ilê Opô Afonjá.

Quero saudar primeiro o deputado Bira Corôa, que introduz nesta Casa essa iniciativa. Não é a primeira vez, estive aqui também no dia da África e em diversas outras manifestações que tem feito em defesa da cultura e da religiosidade afro-brasileira, em nossa Assembleia Legislativa. E sei o quanto é difícil isso.

Quando eu era deputada estadual tive a oportunidade de dar o primeiro título de cidadão a um pai de santo nesta cidade, que foi o título que nós demos a Tata Anselmo há tempos. (Palmas).

Não existia registro nesta Casa de nenhum outro religioso vinculado à religião afro brasileira, ao candomblé, de homenagem, embora nós tivéssemos, no nosso registro, manifestação de aplauso, de apoio e homenagens as mais diversas a muitos e muitos religiosos, cristãos, seja da igreja católica quanto da igreja evangélica, vista dentro de um contexto, de um ato absolutamente natural.

Para aprovar este título de cidadão eu tive que fazê-lo enfrentando um período como Oposição nesta Casa, enfrentando um período de longa obstrução até a madrugada,



para vir a negociar isto e a negociar quase que às escondidas de alguns, para não ter manifestação em contrário, querido professor Edvaldo Brito.

Portanto, por aí a gente vai percebendo aquela discussão, meu amigo, companheiro de tantos anos, que aqui falou brilhantemente e que tem dado essa contribuição grande à recomposição histórica, à valorização da influência negra no Brasil, no Congresso Nacional, com o seu trabalho de urbanista que é, de arquiteto, de pensador da vida baiana e brasileira, coordenador da Bancada do Nordeste, que é o companheiro Zezéu Ribeiro.

Nós vamos percebendo que alguns temas, eles parecem ser unanimidade até que alguém tenha que decidir sobre ele. É assim quando se trata de mulher. Nós vamos, no Congresso Nacional, todo mundo é a favor da participação da mulher na política, mas na hora de votar uma lei que determine uma cota para a participação das mulheres no Partido, dinheiro para poder viabilizar a formação das mulheres, tempo de televisão, para o Congresso, as Lideranças param por uma bobagem dessa, e passa-se um mês, 2 meses, 3 meses para, numa reforma eleitoral, dar-se 5% do dinheirinho do fundo partidário para ajudar as Lideranças mulheres, mais 10% de tempo de televisão, numa crise que não se pode lembrar aos Líderes que fez isso, porque todos se arrependem.

Quando se trata de discutir alguma coisa relacionada com a questão da negritude, também aqui a questão racial Zezéu destacou muito bem. Políticas de cotas virou uma polêmica nacional, mas já tínhamos políticas de cotas quantas para beneficiar as elites brasileiras. A lei do boi é uma lei da minha época na universidade, da época de Pola, nós entramos na universidade e existia a lei do boi. Boi pode, boi podia, dono de boi podia ter uma cota especial na universidade para que seus filhos entrassem na faculdade de veterinária.

A política de cotas é uma política usada em diversas partes do mundo, em diversas situações e nos Estados Unidos, nós vimos aí quantos e quantos filmes que revelam, o filme que ganhou um dos Oscars deste ano foi justamente o filme que conta a história de um negro que, pela sua prática desportiva, conseguiu entrar na universidade, uma política de cotas antiga.

Mas, basta ser do Brasil, basta ser para enfrentar a nossa desigualdade, revelar as nossas dores, aí, a elite conservadora se levanta com uma posição muito difícil para nós de



enfrentar. Mas estamos enfrentando, o governo Lula tem enfrentado, temos avançado. O companheiro Gilmar, com o apoio também de Zezéu, na Câmara, fez um trabalho excelente em Salvador, na determinação, na identificação, no levantamento dos candomblés na Bahia.

Quero também dizer, modestamente, da contribuição que demos na prefeitura de Salvador, quando desenvolvemos o programa Folhas Sagradas, que também é repetido como nome e, penso, como homenagem no filme de Pola. O Folha Sagrada trabalhou com o Ilê Axé Opô Afonjá, Cidade Mãe trabalhou com o Ilê Axé Opô Afonjá e, talvez, coincidentemente, de presente, mãe Stela, eu coloquei, este ano, uma pequena emenda minha na área de cultura para um telecine, um cinema, esse projeto, esse programa do governo federal de cineclubes para o Ilê Axé Opô Afonjá, para que continuemos com esse trabalho social extraordinário (palmas) que vocês desenvolvem, levando a nossa juventude na sua relação espiritual a buscar um novo caminho que não seja o caminho que está sendo imposto pela desigualdade, pela marginalidade que é o caminho do crime, das drogas, o caminho que todos rejeitamos, independentemente de credo ou de cor ideológica.

Tanto eu quero saudar 100 anos de fundação, 100 anos de formação desse terreiro de mãe de santo que marca esse poder feminino, que está na cultura nossa, nessa identidade de Bahia, de Brasil, de mundo, de ancestralidade, da fertilidade, da força da mulher e que precisamos resgatar isso como componente normal da nossa vida, um componente que não sirva para dizer que somos inferiores, mas apenas que somos diferentes, mas que queremos as mesmas oportunidades, que temos também a força espiritual, que temos também a possibilidade de pensar e desenvolver todas as potencialidades iguais.

Olhem que coisa interessante, estamos há 100 anos comemorando, batendo esses tambores agora, entrando em jogo em campo, a África do Sul. É mais um reencontro nessa Diáspora. Acho que essa história de a Copa ter sido na África do Sul e depois no Brasil é algo muito simbólico que se dá através dos caminhos e descaminhos de um esporte em que o Brasil aprendeu a se tornar vitorioso, com as habilidades das pernas, das danças, dos ritmos africanos no Brasil.

Portanto, um grande axé pelos nossos 100 anos. Que mais 100, 100 e 100 possam vir mil anos pela frente para o Ilê Axé Opô Afonjá.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



10155-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or. Pola Ribeiro

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero, neste exato momento, passar a palavra para Pola Ribeiro, diretor do Irdeb.

O Sr. POLA RIBEIRO:- Peço licença aos mais velhos e aos mais novos. Não é fácil estar aqui! É bom, mas não é fácil, com esta mesa de super-respeito, esta plateia de super-respeito. É muito difícil estar numa Mesa com Ildásio, com a professora Iêda, com Mãe Nice, com o comandante Eurico da Polícia Militar, enfim a Mesa se estende pela plateia. Todos nós estamos saudando hoje mais um Dia das Mães, digamos assim. Como Lídice falou, da Mãe África e de tantas mães e tanta necessidade de recompor coisas. Na verdade, aqui estou não como autoridade religiosa, mas representando uma instituição. Tento entender minha presença nesta Mesa como a presença da instituição, da comunicação pública, da TV Educativa. De alguma forma, sinto como um reconhecimento a esse trabalho que tem aberto uma porta necessária e atrasada, digamos assim, da presença da cultura negra da Bahia na sua comunicação. Sem autoridade para isso, sem terem me passado esse papel, sinto também um reconhecimento de quem hoje não está aqui, Márcio Meireles e Juca não estão aqui porque estão no encontro onde são as estrelas principais, junto com a Petrobras, que está trazendo recursos para a Bahia, para várias ações da área cultural. Sinto que é um reconhecimento também desta política. Represento aqui muito mais ações do que mesmo a minha própria presença neste momento. É muito difícil, realmente, estar ocupando esta tribuna com tantas pessoas de conhecimento para falar.

Mãe Stella, são 100 de uma casa, de um espaço, de um território, de um terreno, de uma construção sagrada. São Gonçalo representa mais. Acho que é a ternura, a força, a nobreza, o conhecimento, o acolhimento que tanto precisam esta gente da Bahia e esta terra como um todo. Eu, como uma pessoa de comunicação, estou aqui falando por uma instituição da comunicação e queria fazer duas colocações breves à Mãe Stella: a primeira, é que o que não se registra o tempo leva - estamos com a responsabilidade de fazer cada vez



mais esses registros e ocupação desses espaços -, a segunda, é que, durante o processo do filme, quando falei para ela sobre o projeto do filme, percebi que quanto mais aprendo mais ignorante fico. Então, é a quantidade de conhecimento que transborda do Opô Afonjá e de todas essas casas que estão na Bahia e em todos os cantos, as grandes casas, as pequenas casas. Dormimos na Bahia ouvindo os tambores tocando, de um lado e de outro, os fogos pipocando e muitas vezes não sabemos nem de onde estão vindo. É esta complexidade que enriquece a Bahia. Acredito que isto estamos comemorando aqui neste momento.

Desejo-lhes muitos e muitos anos! Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



10156-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or^a Luislinda

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Passo a palavra neste momento à juíza Luislinda.

A Sr^a LUISLINDA:- Peço licença à minha Mãe Iansã, que é a dona da minha cabeça. (Palmas) Mãe Stella, sem palavras. Através de V.Ex^a, permita-me dizer assim, porque é excelência realmente, saúdo todos, abraço todos que estão aqui presentes, os que já se foram e também os que virão.

Esta homenagem veio tardia, mas veio. Gente, 100 anos! Na numerologia, o número 100 quer dizer 1. E 1 quer dizer o quê? Deus, começo, início, sucesso, saúde, excelência, maravilha! Viva a Mãe Stela, que é a número 1 do Candomblé da Bahia! (Palmas) Não tive a honra de ser a sua filha de santo, pintada e raspada nesse terreiro, mas me considero como tal. O meu respeito é grandioso. Respeito a minha religião, e para respeitá-la, primeiro tenho que respeitar V.Ex^a. Ilê Axé Opô Afonjá, nação que tu que tem como líder a nossa Maria Stella.

Assembleia Legislativa, Casa de todos nós, nunca pude entrar aqui antes do governo atual. Hoje me sinto à vontade, (Palmas) hoje venho com prazer, com carinho, sem medo de entrar aqui, sem receio de ser posta para fora. Obrigada, deputado Bira Corôa, meu companheiro de lutas em Camaçari, onde fui juíza eleitoral por muito tempo.

Quem se dizia do PT não entrava no Fórum. Começaram a entrar quando esta negra ousada (Palmas), representando o Poder Judiciário da Bahia, sendo designada pelo TSE para promover um serviço especial naquele local, convocava todos os partidos indistintamente. Não restam dúvidas de que as ameaças de morte vieram, mas sou forte, estou aqui, não morri. Eu disse: “Só farei o meu trabalho com o ingresso de todos os representantes de todos partidos políticos”.

Assim aconteceu – permitam-me fazer essa ressalva. Ser negro nesta Bahia, ser negro no Brasil é difícil. Eu dizia que quem quiser saber o que é ser negro na Bahia fique



negro por 48 horas, mas estou reduzindo para 24 horas. O sofrimento é inimaginável, é incalculável, mas estamos numa era de modificação.

Minha mãe-de-santo, minha tia Helena do Bate-Folhinha, minha atual mãe-de-santo Albertina, mãe Bebê, sempre me ensinou: “Minha filha, não chore, dê tempo ao tempo”. E o tempo chegou. É o tempo da África, é o tempo do Brasil, é o tempo da Bahia e é o tempo do negro, gente (palmas). Não podemos abrir mão deste momento. Busquemos o que é nosso.

Muito obrigada, Bira Corôa, meu deputado. Obrigada por nos dar esta oportunidade.

Fala-se muito na Copa da África do Sul, mas não é a Copa. Foi o Deus, foi o Oxalá de hoje que nos deu esta oportunidade de aparecermos para o mundo, não apenas através Estado da Bahia e nem do Brasil, mas através da Copa da África do Sul, que digo que não é uma copa, é uma união de saberes, uma união de competências.

Irmã Stella, não é à toa que V.Ex^a está conosco nestes 100 anos que certamente multiplicar-se-ão por muitos e muitos. Não quero fazer o cálculo porque não quero perdê-la jamais.

São Gonçalo, somemos novamente São Gonçalo, e vejamos dez. Número um, mulher número um, Mãe Stella, continuas sendo a número um.

Candomblé. Pesquisava eu o que é candomblé nos dicionários brasileiros e me entristeci. Candomblé é definido como fetichismo, malogro, e não é isso. Candomblé é a casa da união, é a casa de quem não tem mãe e encontra sua adoção sem qualquer formalidade (palmas), é a casa de quem não tem pai e encontra sua adoção sem formalidade legal (palmas), é a casa de quem tem fome e encontra sua comida para se alimentar, quer física quer espiritualmente.

Gente, não vou me delongar porque a casa não é minha, me cederam esta oportunidade, mas nós, negros, precisamos de uma coisa, mãe, ocupar nossos espaços nos poderes público, nas entidades privadas, mas não um espaço de execução e apoio. Precisamos ocupar os cargos de comando.



Quero ver ainda uma mulher comandando as forças de segurança pública do Brasil (palmas). Se esta mulher for negra, melhor ainda para nós. Quero ver uma mulher negra comandando os tribunais de Justiça. Por que não o Supremo? E outros espaços. Quero ver mulheres executivas, com aquelas pastas elegantes determinando, dando as ordens, calculando e comandando com elegância, com cortesia. (Palmas)

Mãe Stella, você é conhecimento, você é preservação, você é inspiração, exemplo para os mais novos, história de luta para o candomblé. Confunde-se com histórico de lutas e articulações políticas do povo negro em busca da liberdade, da dignidade, da paz e do sucesso.

Por fim, cantemos:

“Quem é aquela moça que vem lá da Aruanda? É a Mãe Stella com seu chapéu de banda”.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)



10157-IV

Ses. Esp. 10/06/10

Or. Edvaldo Brito

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, eu quero convidar para fazer o uso da palavra o vice-prefeito do município de Salvador, Professor Edvaldo Brito, que muito nos honra com a sua presença.

(Manifestações de instrumentos musicais. Palmas.)

O Sr. EDVALDO BRITO:- Exmº Sr. Deputado Bira Corôa que preside esta sessão e que nos dá muita emoção por ver que V.Exª teve a iniciativa de, na Casa do povo, trazer as maiores expressões do povo da Bahia aqui presente que são os que fazem o Ilê Axé Opo Afonjá os quais eu saúdo da forma mais fraternal possível: “agô iá Stela!”

Com a sua licença, então, devo dizer que aqui não está somente o vice-prefeito da cidade do Salvador, aqui não está somente o vice-prefeito nesta condição, pois já teria eu legitimidade, porque não sou um vice-prefeito senão pelo voto do povo da Bahia. (Muitas palmas) Por isso, já teria legitimidade de dizer a todos que a cidade, portanto, de joelhos vem, perante uma filha de Oxóssi, dizer que esta cidade só pode lhe ter o maior respeito como mensageira e instrumento de uma tradição de um século de uma religião e de uma resistência de um povo sofrido mas que é um povo heroico, que é um povo que não tem medo, que é um povo que, portanto, vai continuar assim, ou seja, com lideranças como a sua a resistir e a demonstrar os valores de nossos antepassados. Não está, como eu disse, aqui apenas o vice-prefeito. Mãe Estela saúda a nossa Iá, irmão forjado no Ilê Iá Omin Axé Iamassê da minha Mãe Menininha do Gantois.

(Manifestações de instrumentos musicais. Palmas.)

Aqui está a minha irmã, seu irmão, o Baba Ebé do Ilê Iá Omin Axé Iamassê de minha Mãe Menininha do Gantois para lhe dizer apenas uma palavra, qual seja, Oxum Merim, Ogum mejejê, orixás, portanto, da maior devoção que lhe abençoa, que lhe dê toda a força, a força de Oxóssi, para buscar a simbologia, o alimento para distribuir com todos nós, o alimento não só material, mas o alimento espiritual que nos dê força para nós reagirmos



cada vez e podermos multiplicar esses 100 anos por milhares de anos para que nós não matem os nunca a cultura que os nossos antepassados aqui mandaram.

(O Sr. Edvaldo Brito canta música acompanhado de instrumentos musicais.)

O Sr. EDVALDO BRITO:- Muito bom que nós nos abracemos. É a minha mensagem de irmão do Ilê Axé Opô Afonjá, em nome de minha mãe Bida também, para estes 100 anos.

(Não foi revisto pelo orador.)



10158-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or. Ayó AYANWALE

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para fazer uso da palavra o adido cultural da Nigéria e representante da Casa da Nigéria na Bahia, Ayo Ayanwale.

O Sr. AYO AYANWALE:- Bom-dia. Congratulações ao coordenador deste programa, deputado Bira, e aos outros membros da Mesa. Congratulo-me com todos que estão aqui pelos 100 anos de fundação do Ilê Axé Opô Afonjá.

Se me permitem, gostaria de fazer uma saudação, uma oração em iorubá. Porque este é um momento único, e a reza diz... A tradução dessa reza em iorubá é muito difícil. Mas, de qualquer maneira, Olorum Marinho, o Deus Supremo, vai entender e nos dirá. (Oração.)

Muito obrigado. (Palmas)

Há um tempo que quero vir ao Brasil, queria saber sobre o candomblé do Brasil, especialmente o Ilê Axé Opô Afonjá, porque o professor Wande Abimbola, que é meu pai, é o responsável pela tradição dos orixás, um acontecimento anual que é produzido por ele no mundo.

Celebrar um século desse acontecimento, é muito, bastante. Significa que muita gente está longe ou muito perto de tudo isso. Além das dificuldades dentro de diferentes regiões Olodum Maré está presente aqui em todos nós. A palavra *ilê* na língua *yorubá* significa casa, e *ace* significa autoridade, *opô* é pilar, e *ilê axé opô afonjá* significa o pilar da religião, da tradição, da cultura, da dignidade, da humanidade, de qualquer coisa que tenha uma boa qualidade, que seja bondoso, proveitoso, feliz. Sem esse pilar, esse edifício não pode ficar de pé.

Eu gostaria de que todos sustentassem esse pilar. Espero que esse pilar guarde e continue essas tradições. Isto que está acontecendo aqui, hoje.

Acredito que Deus sabe, *Oxalá*, *Oxóssi*, *Yemanjá*, *Oxum*, *Ogum* nunca desapareçam, nunca nos deixem sentir qualquer infelicidade.



A Nigéria tem uma afinidade muito grande com o Brasil em geral, por isso nós temos nossa casa da Nigéria no Pelourinho. Nesse centro estamos ensinando a língua *Iorubá*, que é a língua do candomblé. Estamos também organizando um *workshop* sobre tambores falantes.

Qualquer religioso que profece o *Ifá* como entretenimento deve ser bem vindo.

Convidamos a todos para iram à Casa da Nigéria e vir também para o candomblé e seremos gratificados.

Acreditamos que o candomblé, que é a tradição religiosa africana, continuará a sobreviver na diáspora.

Finalmente, quero saudar Mama e nossa cultura. Acreditamos que, depois de Deus, a expressão maior é a nossa mãe, e a presentamos com ouro especial que o dinheiro não pode comprar.

(O orador canta)

Essa cantiga diz: Mãe é o ouro mais precioso porque a mulher leva na barriga uma criança por nove meses e também a carrega por dois ou três anos nas suas costas. Isso define os deuses. Por isso, nós a tratamos de uma maneira toda especial. Oxum é que cuida disso. A única mulher que pode fazer isso é a sua mãe e *Ogumaré* faz tudo isso para que ela fique junto, sempre junto.

Mas os homens marginalizam as mulheres, que são maioria entre eles, mas queremos estabelecer que isso seja mudado. Não há nenhuma paz no mundo por isso. Nos reportamos a *Ogumaré* por isso e Ele nos prometeu tomar a devida providência. Ele disse: volte para sua mãe e veja o que ela está a fazer. Ele voltou e perguntou: quem é mãe? E Olodum Maré disse: Oxum é a única mulher que pode ser mãe. Volte e vá respeitá-la, porque ela é a mãe de todos. Isso é o que nós estamos querendo de novo fazer e refazer, e Oxum foi quem começou a luta pelos direitos da mulher na sociedade. Hoje, você pode ver muitas mulheres no candomblé, muitas ialorixás.

(Palmas)



Nós temos conseguido muitas coisas, muitos benefícios, e uma dessas conquistas é exatamente a celebração dos 100 anos do Ilê Axé Opô Afonjá. cremos que devemos continuar para sempre com essas celebrações. Mais uma vez, parabéns, axé.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**10159-IV****Ses. Esp. 11/06/10****Or. Yeda Pessoa de Castro****Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero anunciar que o professor Edvaldo Brito, por um compromisso previamente assumido, tem que se ausentar. Aproveitamos para agradecer a presença, a contribuição e, acima de tudo, o compromisso, o que sempre foi peculiar desta causa de nos representar como negros, como cidadãos neste nosso Estado.

(Palmas)

Solicito ao professor Vanderlino que registre as presenças, e também quero convidar, logo após o registro, que a professora Ieda faça uma contribuição, nem que seja uma saudação muito rápida, antes de passarmos a palavra às pessoas maiores que representam esta Mesa que são, sem dúvida alguma, Ogã José Ribamar e Mãe Stela. Mas peço ao professor Vanderlino que faça o registro das presenças como um ato de reconhecimento e agradecimento desta Casa pela presença e pelo simbolismo que é para todos nós a presença de todos aqui.

O Sr. Vanderlino:- Registro as presenças dos terreiros: Ilê Axé Omim Joba; Oiy Onipo Neto; Onipo Neto Filho; Yalaxé Omim; São Bento; Olufonjá; Ilê Axé Obanan; Ilê Axé D'Ajunsun; Ilê Axé Casa Branca; Ilê Axé Ogum Omikayê; Ilê Ayé Burukam Ajunsu; Ilê Axé Ala Obatalandé; Ilê Axé Baba Aboulá; Núcleo de Religiosos de Matas Africanas da Polícia Militar da Bahia – NAFROP; Ilê Axé Babá Okê; Ilê Axé Odô Boujy, Rumpayme Dan, Terreiro Aloyá, Ylê Axé Ychê Ibá, Ilê Axé Odé Yeká Ibomim.

Quero aproveitar, também, para registrar a presença das entidades, CUT-BA; Conselho Municipal da Comunidade Negra (CUT-BA); Neyla Menezes, presidente da Prodeb, e Elias Sampaio; Instituto de Gestão das Águas e Clima (INGÁ), na presença da senhora Alvaiza Cerqueira; a Secretária da Promoção da Igualdade (Seprom) Luiza Bairros; representante da Fundação Palmares (BA/SE), na pessoa de Daniel; Daniel Rangel, diretor de Museus do IPAC; Eduardo Carlos de Carvalho, juiz de direito do Tribunal de Justiça da Bahia; Augusto Guia, do Psol-Ba; Eriosvaldo Menezes, superintendente da SUPPIN de



Lauro de Freitas; Jaime Martins dos Santos (Mestre Curió), presidente do Ponto de Cultura Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos; José Deijaci de Jesus, representante do delegado geral da SSP- Polícia Civil- Deltur, em nome do Dr. Joselito Bispo; a Associação dos Direitos Humanos (GLBT) de Canavieiras e região.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveitamos para agradecer a presença de todos. Mas quero, neste momento, simbolizando a fala de todos no Plenário, porque todos possuem o mesmo grau de representatividade e de autoridade, passar a palavra para a professora Yeda Pessoa de Castro.

A Sr^a YEDA PESSOA DE CASTRO:- Para mim é uma grande surpresa, primeiro, pelo imprevisto como tradutora simultânea e, agora, vir à tribuna para dizer alguma coisa.

Realmente, para mim é uma enorme satisfação, sempre, estar perto da Ialorixá, minha amiga, Stella de Oxóssi Iya Kayodê. Desde o momento em que a conheci, há muitos anos, antes de ela ser a grande Iya que ela é do Ilê Axé Opô Afonjá, nós já tínhamos amizade e eu ouvia o que ela me dizia, os seus conselhos e as suas orientações.

Foi em razão dessa persistência e coragem que ela tem de enfrentar e continuar enfrentando todas as barreiras, de sobreviver a todas as críticas, bem como as discriminações como mulher negra e líder de uma comunidade religiosa de matriz africana, que nós da Universidade do Estado da Bahia sugerimos que a ela fosse dado o título de Doutora Honoris Causa. Ela hoje, com muita honra nossa, é Doutora Honoris Causa pela Universidade do Estado da Bahia.

(A oradora faz uma saudação em iorubá.)

Desculpem-me pelo discurso de imprevisto e minha tradução simultânea.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pelo orador.)



10160-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or. José Ribamar Feitosa

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, quero convidar para fazer uso da palavra o ogã José Ribamar Feitosa, presidente da Sociedade Cruz Santa.

O Sr. JOSÉ RIBAMAR FEITOSA:- Presidente da Comissão Especial de Promoção da Igualdade, deputado Bira Corôa, que neste momento preside a sessão; Sr. Deputado Federal Zezéu Ribeiro; Sr. Obá de Xangô Luiz Domingos de Souza, vice-presidente da Sociedade Cruz Santa; Sr. Presidente do IRDEB, Pola Ribeiro; adido cultural; Sr^a Juíza de Direito Luislinda Valois; Sr. Major da PM Peixoto, representante do comandante Geral da Polícia Militar, coronel Nilton Mascarenhas; ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, Mãe Stela; meus senhores, minhas senhoras; ialorixás e babalorixás presentes; (lê) *“É com muita honra que, na qualidade de Presidente da Sociedade Cruz Santa e por designação da nossa yalorixá Stella de Oxóssi, eu subo a esta tribuna para proferir nosso agradecimento aos Excelentíssimos Senhores Deputados integrantes desta casa que compreende o Poder Legislativo do Estado da Bahia.*

É em nome da comunidade do Ilê Axé Opô Afonjá que integra uma outra "casa", casa imaterial, protegida pelo Alá de Oxalá, que compreende um outro poder, o Poder da Religiosidade do Povo da Bahia, da religiosidade afro-descendente, da religiosidade do Candomblé - que nos distingue e diferencia - que eu trago nesta fala nossos mais sinceros agradecimentos pela realização da presente sessão que celebra a passagem do primeiro centenário de existência do nosso Terreiro na freguesia de São Gonçalo do Retiro. Gostaria de deixar bem claro que friso o ordinal "primeiro" na certeza de que, com a força, o Axé dos Orixás, por muitos e muitos outros centenários estaremos nós festejando a perenidade do Candomblé.

Gostaríamos de agradecer nominalmente àqueles que participaram mais diretamente na condução interna do pleito: gostaríamos de agradecer ao Deputado Bira Corôa pela indicação, aos Membros da Mesa Diretora, pelo diligente acolhimento e



consecução, e ao Excelentíssimo Senhor Presidente desta Casa Deputado Marcelo Nilo pela finalização. Recebam todos os senhores nossos mais afetuosos sentimentos.

Encontramo-nos aqui, hoje, nesta manhã do dia 11 de agosto de 2010 para celebrarmos o centenário de existência de um templo religioso que ao longo desses anos recebeu o reconhecimento e o respeito de todos aqueles que souberam apreciar as virtudes das pessoas desta nossa terra, Bahia.

Entretanto na Bahia nunca foi fácil ser negro, nem muito menos de Candomblé. Quem é afrodescendente já sentiu, e posso dizer ainda que hoje muitos de nós em muitas circunstâncias ainda sentimos na pele toda a vicissitude "de ser o que é". Entretanto foi através do Candomblé que muitos dos valores religiosos, morais e éticos dos povos africanos foram preservados, foram transmitidos de geração a geração de geração em geração foram sendo paulatinamente absorvidos e hoje são reconhecidos como identitários da sociedade brasileira. Foi graças à persistência e determinação daqueles Filhos e Filhas de Orixá responsáveis pela condução das diversas Casas juntamente com seus seguidores que esse legado cultural pode chegar até os dias de hoje. No Candomblé estão reunidos os valores culturais mais significativos da Herança Africana à Cultura Brasileira.

Na historia do ilê Axé Opô Afonjá, que nossas primeiras palavras sejam de invocação e de reconhecimento aos nossos ancestrais. Não poderíamos deixar de citar as três religiosas africanas que aqui chegaram escravizadas, e que se juntaram num determinado momento de suas vidas para efetivar a re-ligação - reativar o Culto a Xangô na Bahia, reativar a prática religiosa do Povo de Ketu na Bahia. Religião essa que posteriormente veio a ser conhecida como Candomblé. Tudo começou ali com elas, na ladeira do Berquó nos fundos da igreja da Barroquinha. Ali se criou o Ilê lyá Nassô Oka, hoje mais conhecido como 'Casa Branca'. Não tardou muito esse terreiro mudou-se da Barroquinha para o Engenho Velho da Federação, onde permanece até hoje - e sob a proteção de Xangô assim permanecerá por muito tempo mais – na Avenida Vasco da Gama. Essas veneráveis senhoras são lyá Detá, lyá Kalá e lyá Nassô. A elas todo o nosso respeito.



Eugênia Anna dos Santos, Mãe Aninha, Obá Biyi, fundadora do Axé Opô Afonjá, é filha da Casa Branca pela mão de Marcelina da Silva, Obá Tosi, Filha-de-Orixá e prima carnal de Iyá Nassô e que assumira a liderança do terreiro após sua morte.

Em 1892, já com todas as obrigações religiosas completadas, Mãe Aninha deixa sua Casa e cria o Axé de Xangô Afonjá que funcionou temporariamente em diversos pontos da cidade: inicialmente na Rua do Camarão, pouco tempo depois, na Rua do Curriachito; depois na Santa Cruz, hoje bairro de Amaralina; e de 1907 à 1910, na Ladeira da Praça.

No princípio do século XX, graças ao seu sucesso como comerciante, Obá Biyi conseguiu comprar uma roça com cerca de 39.000 m² no bairro de São Gonçalo do Retiro. Este houvera de ser o local escolhido para o Axé de Xangô Afonjá ser plantado em definitivo, era o ano de 1910.

Plantar o Axé de um Orixá é uma atitude que requer um comprometimento diferenciado com a continuidade da prática religiosa, nem toda ebômi tem no seu caminho esse desígnio. Tornar-se Iyalorixá e liderar todas as práticas religiosas de um terreiro requer um nível de dedicação que apenas poucas têm a capacidade ou o preparo para suportar. Daí todo o nosso agradecimento à sabedoria e abnegação das nossas veneráveis senhoras que ao longo desses primeiros cem anos de nossa existência em São Gonçalo levaram nosso Terreiro a ocupar a posição de destaque e reconhecimento que hoje usufruímos.

Mãe Aninha viveu numa constante progressão, cuidando não só do novo espaço sagrado, mas também de toda a sua população. Atravessando fronteiras no âmbito social, trabalhou com afincos pela sua crença, impondo respeito e adquirindo solidariedade, deu importantes passos para a libertação do Culto aos Orixás. Nossa Mãe Aninha foi a responsável pela liberação do culto religioso afro-brasileiro, bastante perseguido nos primórdios do século XX pela polícia. Candomblé era coisa de 'negros ignorantes, prática fetichista, a vergonha da Bahia', diziam. Obá Biyi não hesitou: no Rio de Janeiro, Capital da República, onde residia na época, foi ter com o Presidente Getúlio Vargas, obtendo a liberdade para a prática da religião dos Orixás, pelo Decreto n^o 1212. Mãe Aninha introduziu no Novo Mundo o Corpo de Obá, nos moldes de Oyó. Estes, em número de doze, são considerados os Ministros de Xangô. Eles são divididos em seis Otun, os da direita, e



seis Òsi, os da esquerda. Outra importante inovação realizada por Obá Biyi foi transformar um Terreiro de Candomblé em uma espécie de África. Ela reuniu 'diversas tribos africanas' em um só espaço. Mãe Aninha dedicou uma casa a cada Orixá, individualizando, assim, as práticas religiosas. Mãe Aninha deixou o Axé em 3 de janeiro de 1938, juntando-se a outros dignos ancestrais, levando consigo muito conhecimento que não teve tempo de passar.

Maria da Purificação Lopes, Mãe Bada, Olufan Deiyi, idosa e doente, assumiu então os destinos do Axé Opô Afonjá, com a ajuda de Mãezinha, Iwin Tona, a lyákêkerê da Casa, e Senhora, Oxum Muiwá, a Òsi-Dagan. Mãe Bada entendia profundamente os mistérios dos Orixá, e iniciou várias pessoas em outros terreiros da Bahia. Devido ao seu grande conhecimento das questões do Axé, ela muitas vezes foi requisitada para resolver questões litúrgicas conflitantes do Candomblé da nossa terra. Ocupou, antes do falecimento da fundadora, o posto de Baró - espécie de conselheira, 'aquela que medita e aconselha'. O 'reinado' de Mãe Bada foi curto, pois a idade avançada e a doença abreviaram seu tempo no Àiyé. Partiu para o Òrun levando consigo muita força misteriosa e valiosos conhecimentos.

Ascendeu ao posto de lyálorixá Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora, Oxum Muiwá, que conduziu o destino do Axé Opô Afonjá por mais de vinte anos com pulso forte e doçura de Olóxum. Mãe Senhora tinha total dedicação a Xangô. Xangô era seu orientador e confidente. Vibrava nas festividades dedicadas ao senhor Afonjá. Ao assumir o posto de lyálorixá, além de outras inovações que serviram para o engrandecimento da Casa, Mãe Senhora criou os sub-cargos de Otun e Òsi para o Corpo de Obá. Cada Obá passou a ter, então, seus auxiliares - um Otun e um Òsi. A formação do Corpo de Obá passou assim, de doze para trinta e seis componentes. Mãe Senhora recebeu o título de 'Mãe Preta do Brasil', na década de sessenta. Das mãos do Príncipe de Oyó, Nigéria, recebeu o oyê de Ìyá Naso - a principal líder mulher do culto de Xangô - a primeira de que se tem notícia após a mítica Ìyá Naso, fundadora do Candomblé do Engenho Velho. Vítima de um súbito derrame cerebral partia para o Òrun uma grande dama do Candomblé da Bahia. Mãe Senhora faleceu no dia 22 de janeiro de 1967, no Terreiro.

Mais uma mudança no Axé. Após um ano de recesso, Xangô, por intermédio do Olúwo Agenor Miranda, assistido pelo Babalorixá Nezinho da Muritiba (Nezinho de Ogum)



foi escolhida para conduzir o destino do Axé, Ondina Valéria Pimentel, Iwin Tonà, Mãezinha, como sempre fora carinhosamente chamada. Ainda bem moça foi designada por Mãe Aninha para ser a lyákêkerê do Egbé. Quiseram os búzios que ela substituisse a falecida Iyá, passando a conduzir os caminhos do Ilê. Ela nasceu em pleno mar, a bordo de um navio da 'Bahiana', daí seu nome Ondina. Mãezinha pertencia à tradicional família de culto a Egúngun: os Pimentel. A Iyá, dando continuidade aos ensinamentos de Mãe Aninha e valorizando a hierarquia, concedeu o cargo de lyákêkerê a Eutrópia Maria de Castro, Oxum Fumixê, 'Pinguinho', uma das Olóyè mais marcantes da nossa Casa, de inesquecível memória. Pinguinho foi uma mestra valorosa em questão de hierarquia. Severa, às vezes ríspida, implacável, muito contribuiu para a preservação dos ritos, preocupada sempre em transmitir ensinamento. Mãezinha, misto de doçura e aspereza, temperamento de reações imediatas, herdou dos mais velhos o gesto de conversar com os olhos. Durante sete anos segurou os destinos do Axé. Filha de Oxalá e Xangô dedicava-se, em especial, à Casa de Iyá, pela afinidade decorrente do seu nascimento no mar. Boa mestra, ela orientou muita gente procurando aprofundar seus conhecimentos religiosos cada vez mais. Por toda essa dedicação, teve que deixar precocemente as práticas da vida civil. Recebera educação aprimorada, principalmente em música, com estudos completos de piano. Em virtude dos compromissos com a religião, fechou o piano, dedicando-se aos Orixá de corpo e alma. Inovações positivas foram feitas por Mãezinha, coisas de valor, a exemplo da reforma da Casa de Omolú, do quarto de Oxalá, das Ayaba. E, ainda, a idéia de reconstrução do Ilê Xangô, que infelizmente não viveu para concretizar. Em 19 de março de 1975, partiu Iyá Ondina para o Òrun, deixando um grande vácuo para todos os familiares a que tanto ajudou.

Na mesma data, no ano seguinte, 19 de março de 1976, Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella, Odé Kayodê, foi escolhida Iyálorixá do Ile Axé Ôpo Àfonjá, também em jogo feito pelo Olúwo Agenor Miranda.

Não é uma tarefa fácil falar sobre Mãe Stella uma vez que, a todo o momento, ela se renova e nos surpreende. Nesses seus trinta e quatro anos de liderança, inúmeras foram e continuam sendo suas contribuições para a nossa religião e toda a sua família de



seguidores. Todos nós sabemos que a autoridade e respeitabilidade de uma liderança religiosa pode ser medida de muitas maneiras. A Mãe-de-Orixá é quem coloca a mão sobre a cabeça dos seus filhos transmitindo-lhes o Axé da iniciação, é ela a intermediária entre a força mística do orixá com o corpo do seu filho, é ela quem interpreta o entendimento entre os orixás e seus filhos. Mas a palavra exata de orientação é o critério mais efetivo para que a autoridade e respeitabilidade de uma lyálorixá sejam aferidas.

É importante registrar que as três lyálorixá que antecederam Mãe Stella foram iniciadas, passaram pela mão de Mãe Aninha nossa fundadora. Já Mãe Stella foi iniciada pela mão de Mãe Senhora. Mãe Stella teve como Ojubona a própria Mãe Senhora, que a entregou aos cuidados de 'Mãe Velha', Oxum Funkê, que era a Olopondá do Terreiro, e também ao apoio carinhoso de Ebômi Honorina. Com o falecimento de Matilde, Iyá Lóna, Mãe Stella foi escolhida Kólàbá. Depois de retornar de uma viagem à Nigéria, Mãe Stella criou o museu, Ilé Ohun Lailai, para reunir as coisas de valor que estavam guardadas pelos cantos: a memória do Axé que do contrário seria perdida. Durante esses anos, construiu e reformou Casas de Orixás; murou a Roça, buscando preservar os limites do terreno que já eram objeto de invasões; consolidou a rede elétrica e o acesso ao centro do Terreiro. Visando manter a proximidade com os jovens instalou oficinas de trabalhos manuais: atualmente, a oficina de confecção do Alaka (pano da costa) serve não só para manter os jovens em atividade, como para preservar esta peça de grande importância para o vestuário religioso; o Projeto Mocan atende a centenas de crianças e adolescentes do Axé e da circunvizinhança; e a Escola Fundamental Eugênia Anna dos Santos que é considerada referência pela Prefeitura Municipal de Salvador.

Mas as contribuições de Mãe Stella podem ser constatadas em outras instâncias: a partir de sua ascensão a Iyálorixá, a vida de Mãe Stella tem sido devotada integralmente à difusão e aprofundamento dos princípios religiosos do Candomblé. Na busca de aprofundar seus conhecimentos, Mãe Stella viajou para a África em 1981 pela primeira vez. Essa experiência lhe serviu para redimensionar o estado de sua religião. A partir do seu retorno, fiel zeladora que é dos fundamentos da partir seu retorno, fiel zeladora que é dos fundamentos da religião afro-brasileira, promoveu uma série de medidas que têm servido



para transformar o Candomblé: foi a partir de sua histórica atuação durante a II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, em 1983, que se conseguiu que o Candomblé deixasse de ser referido como "seita animista fetichista" para ser tratado como religião; foi também de sua iniciativa demonstrar o equívoco de se persistir com a ideia de sincretismo religioso, dissociando-se assim os Orixás dos santos da Igreja Católica.

A partir desses exemplos constatamos que o perfil de liderança da lyálorixá Stella de Oxóssi proporcionou benefícios que se estenderam, se estendem, e continuarão a assim ser no futuro, atemporalmente, para orgulho e autoestima de toda a comunidade afro-descendente não apenas soteropolitana ou baiana, mas no País inteiro.

É como mãe zelosa, que tem buscado meios para estar sempre presente, material e imaterialmente, ao lado dos seus filhos, que a contribuição mais significativa de lyá Stella ainda está por ser reconhecida: sua maior contribuição foi de registrar por escrito, de registrar em livro, uma parte da herança milenar ancestral, transformando a maneira pela qual o conhecimento é transferido, possibilitando assim o acesso e a compreensão de um maior número de pessoas ao rico simbolismo da Religião dos Orixás, servindo de exemplo para que outras lyálorixá e Babalorixás façam o mesmo.

É importante salientar que, até a publicação do primeiro livro de Mãe Stella, o Candomblé era objeto de estudo de pesquisadores, muitos deles apenas movidos por curiosidade científica, sem qualquer tipo de afinidade ou envolvimento com o assunto que colhiam depoimentos de terceiros para nutrirem suas pesquisas, o que dificultou a compreensão do Candomblé. Com suas publicações, Mãe Stella torna-se a primeira fonte primária a oferecer-nos conhecimento ancestral sem intermediário. Complementar a isso só a vivência de iniciado no Terreiro.

Sua produção inclui os seguintes livros: 1) E Daí Aconteceu o Encanto, de 1988, ano que marcou os 50 anos da morte de Mãe Aninha, em colaboração com Cléo Martins; 2) Meu Tempo é Agora, de 1993, cuja segunda edição será lançada dia 17 próximo com o patrocínio desta Casa; 3) Oxóssi, O Caçador de Alegria, de 2006; 4) Owé – Provérbios, de 2007 e 5) Epé Làiyé, de 2009.



Ninguém consegue experimentar a respeitabilidade e o reconhecimento que nosso terreiro possui com vaidades, mesquinharias, e arrogâncias. As vidas de nossas lyás foram marcadas por muita dedicação e renúncia para que principalmente nós, seus filhos, pudéssemos alcançar a paz de espírito, o equilíbrio, a felicidade que tanto buscamos. Mas para que a lyálorixá possa desempenhar plenamente sua liderança é preciso que haja um esforço coletivo, é preciso que haja um grupo de Obás e Ogãs dedicados assegurar as condições do entorno: assegurar que as demandas materiais para a realização das cerimônias religiosas e sociais estejam garantidas.

Os Obás e Ogãs são pessoas da religião que foram distinguidas dos demais da comunidade pelos Orixás manifestados. São responsáveis pelas coisas civis da Roça. Homens que têm por dever ajudar Ìyá na organização social do Ilé Axé. São Olóyè, chamados de pai, são eles que integram a Sociedade Cruz Santa.

Nossas lyálorixás formam um grupo de mulheres – todas guerreiras, que souberam, cada uma a seu tempo, responder às demandas sociais que lhes eram impostas. No tempo de Mãe Aninha temos a obrigação de registrar a inestimável colaboração, o apoio dado por Pai Joaquim, Obá Sanyá, para a fundação do nosso Terreiro; outro nome que vem imediatamente é o do Babaláwo Martiniano Eliseu do Bomfim, elo entre o Òpó Àfonjá e a Nigéria. Foi a partir da sugestão Martiniano que o Corpo de Obás foi criado à maneira do Reino de Oyó. Como não mencionar o nome de José Theodoro Pimentel, muito ligado ao Axé, que recebera das mãos de Ìyá Aninha o oyé de Bálé Xangô - literalmente, chefe da tribo, aquele que segura o Ilê, uma espécie de administrador.

E dos Obás Miguel Santana e Antônio Albérico de Santana, todos homens memoráveis.

Mãe Senhora, com sua peculiar doçura, teceu uma grande rede social atraindo um número significativo de intelectuais e artistas para o Candomblé: do seu tempo destacamos o trio de sustentação da cultura baiana Dorival Caymmi: Jorge Amado e Carybé, os irmãos: Sinval da Costa Lima e Vivaldo da Costa Lima, Tadeu Alves de Souza, Zora e Antônio Olinto dentre tantos.



A partir de Mãe Stella o Corpo de Obás e Ogãs vem se renovando: São desse tempo: Ildásio Tavares, Muniz Sodré, Gilberto Gil, Antônio Luiz Calmon Teixeira, Luiz Domingos Souza, Augusto Conceição e Fernando Nascimento Filho e inúmeros Ogãs.

Religião é cultura. A religião estática perecerá. Sob a liderança de Mãe Stella vários eventos passaram a ser realizados no Ilê Axé. Há a necessidade de palestras, debates, viagens e outros movimentos que "SACUDAM" o povo do Candomblé, ela nos diz. Como sinal dos tempos, não é mais possível a prática religiosa dos Orixás sem reflexões, estudos e entrosamentos, torna a nos dizer: Não podemos ficar confinados no Axé, a tradição oral é difícil. Os Olorixás têm que se alfabetizar, adquirir instrução, para não passar pelo dissabor de dizer sim à própria sentença.

A essência não se modifica, é o alicerce de tudo.

*Muito Obrigado,
Viva o Ilê Axé Opô Afonjá.*

Viva o Povo de Candomblé." (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**10161-IV****Ses. Esp. 11/06/10****Or. Major Peixoto****Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero registrar as presenças e ao mesmo tempo a satisfação de termos ao longo dessa audiência a presença de duas escolas, a Escola Sete de Setembro de Paripe e a Escola Dalva Matos de Lobato, que representa não apenas a força da juventude mas, a marca presente do nosso povo do subúrbio ferroviário e que sem dúvida alguma essa sessão é também uma aula que ainda não conseguimos implementar, respeitando a 10.639, que deveríamos estar discutindo e incluindo no conteúdo programático do ensino do nosso Estado, a nossa história.

Quero saudar e registrar a presença do Ilê Axé Oxumaré; da Confraria de Oiá; da Superintendência de Políticas para Mulheres da Seprome; da professora Vanda Machado, da Secretaria de Cultura e da coordenação do Projeto Ilê Aió.

Quero neste momento passar a palavra para uma breve saudação ao Major Peixoto que aqui representa o comandante Geral da Polícia Militar e logo em seguida temos o ato mais esperado que é a fala de Mãe Stela, sem dúvida alguma.

O Sr. MAJOR PEIXOTO:- Bom dia a todos e a todas, quero saudar a Mesa em nome da Mãe Stela e do deputado Bira Corôa, quero também me apresentar, não só como Major da PM mas como conselheiro do Nafro e Ogan confirmado do Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká, Terreiro da Casa Branca.

Em nome disso, como irmão, como bom malungo como me ensinou a professora Vanda, gostaria de parabenizar o Ilê Axé Opô Afonjá em meu nome, em nome do Comandante-Geral da polícia Militar, em nome dos 28 mil homens e mulheres que compõem a nossa corporação.

A criação e principalmente a manutenção de uma organização negra, notadamente uma casa de culto de religião de matriz africana, ela se constitui em uma vitória não só para as pessoas dessas casas, mas, principalmente para o povo negro do Brasil e da Bahia, porque haja vista a concepção socialmente discriminatória da sociedade brasileira que criou o mito



da cordialidade que supostamente conduziu nos últimos 500 anos a relação entre negros e a elite branca deste País e, portanto, criou um manto de silêncio sobre a verdadeira história do povo negro brasileiro.

Esse silêncio ocultou, principalmente, a discordialidade que essa elite fez ao inserir a capoeira, por exemplo, por mais de 80 anos no Código Penal Brasileiro. A discordialidade, por exemplo, que protagonizou as ações do delegado Pedrito no início do século passado quando esse delegado intentou uma verdadeira inquisição contra os terreiros de candomblé na Bahia e reduziu a nossa religião a condição de seita e por muito tempo, até 1973, 75 impunha que nossa religião tivesse um alvará da delegacia de jogos e costumes.

Esse manto também ocultou as grandes resistências do povo negro brasileiro no que se refere a empreendimentos de quilombos, as revoltas.

Portanto, a manutenção por mais de um século de uma casa de culto de religião de matriz africana e principalmente sendo uma casa com um perfil combativo como o Ilê Axé Opô Afonjá, é uma vitória para todos nós enquanto povo negro.

E a Polícia Militar que neste momento com a minha presença, com a nossa presença aqui resgata toda essa história de perseguição nesses últimos anos, ela não poderia se furtar a esse momento histórico ao povo negro de estar aqui e parabenizar na figura de Mãe Stela e de todos os seus filhos, de todos os seus irmãos haja vista que nós do Ilê Axé Iyá Nassô Oká somos casas irmãs, este grande momento, esta grande vitória.

Muito obrigado e feliz um século e espero que a Polícia Militar quando o Ilê Axé Opô Afonjá fizer 200 anos seja novamente convidada. Muito bom dia. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



10162-IV

Ses. Esp. 11/06/10

Or. Mãe Stella

Comemoração aos 100 anos do Terreiro Ilê Opô Afonjá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero ainda registrar a presença de Chuchuca do Tumba Juçara, (palmas) e de Francilene Martins, da Cepir. Quero aproveitar para agradecer em especial a Francilene pela cumplicidade na realização deste ato. Uma pessoa que nos deu todo o apoio, abraçou esta causa e nos permitiu realizar essa ação que para nós é uma das mais importantes realizadas nesta Casa. (Palmas.)

Antes da fala da Ialorixá Mãe Stela de Oxóssi, quero em nome do mandato também entregar uma simples, mas muito significativa homenagem em reconhecimento sem dúvida alguma a toda uma história da nossa própria existência e a prova viva do valor da nossa raça. (Palmas.)

Quero neste momento, ao mesmo tempo que entrego essa homenagem pedir a autorização de público para utilizar uma frase célebre que das muitas que ela tem nos deixado como legado de conhecimento, de orientação e acima de tudo de força, que desejo que ela mesma na sua nação nos traduza. (Palmas.)

(Mãe Stela faz leitura em *Yorubá*)

(Palmas)

(Pronunciamento fora do microfone)

(...) a festa é toda nossa, porque, quando falei em *Xangô*, que é o dono da justiça, ele sabe o quanto o negro sofreu no âmbito do tempo, onde era tido como material de trabalho, de riqueza dos senhores, então, aonde tudo foi tomado do negro, menos o que ele tinha no coração, na cabeça, que era sua fé e a sua força, e essa força nos trouxe até aqui, onde estamos, com uma história longa que muitos de nós já sabemos, e pra evitar falar muito, porque não posso falar muito, então, estou aqui agradecendo a todos, a meus irmãos de *Axé*, aos mais novos e mais velhos, e pedindo que nos unamos sempre para que essa guerra, essa guerra não, essa luta não acabe, que nós possamos ser vencedor sem entrar em guerra. E, como filha de *Oxóssi* que sou, não sabe nos comunicar com o povo de fora não.



Então, vocês já sabem tudo que queremos, estou agradecendo a todos e pedindo que sempre nas suas orações de *Axé*, peçam por Mãe Stella porque ela está ficando velhinha, está cansada e vocês (palmas), vão me ajudar a segurar esse piano que o destino me deu, que não é tão leve, mas a gente com fé, quem tem fé sempre será vencedor.

E, vocês podem repetir comigo, que nosso tempo é agora, o meu tempo, o tempo de vocês, o tempo de nossas vitórias e das realizações e nosso *axé* e a benção dos orixás.

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Ainda registro a presença de Maria José da Cruz, da nação Guerreira e quero, neste momento, convidar o coral do *Ilê Axé Opô Afonjá*, com a participação da *Yalorixá* Mãe Stela de Oxóssi para fechar esse nosso evento, não apenas com o canto, mas coma força que vem de dentro, como muito bem colocada nas suas palavras, que foi guardada no coração e concentrada na nossa capacidade intelectual como resistência.

(Apresentação de coral)

A Sr^a MÃE STELLA:- O que nós terminamos de cantar foi criado por Mãe Aninha, em que ela diz que Opô Afonjá é a nossa casa. O Opô Afonjá é bonito porque lá, a nossa alimentação, comemos animais machos e animais fêmeas. Podemos ir para o Opô Afonjá. E como hoje é sexta-feira nós podemos nos despedir aqui tocando o hino de Oxalá.

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-03

Ses. Esp. 11/06/10

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Antes de encerrar a sessão, quero externar um convite feito pelo deputado Marcelo Nilo, presidente desta Casa, para o lançamento do livro “Meu Tempo é Agora”, de autoria de Mãe Stela, que será lançado no dia 17 de junho do corrente ano, às 17h30, no Terreiro Afonjá. Todos estão convidados.

Quero, em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, em nome de Deus, mas, acima de tudo, com a força de todos os orixás que nos trouxe até aqui e, com certeza, nos levará a muito mais distante, que esta data simbolize o espaço e a conquista do nosso povo e a afirmação nossa, negra, neste Estado mais negro.

Agradeço, nas pessoas de Mãe Stela e do deputado Zezéu Ribeiro, a presença de todos e, mais uma vez, quero também agradecer aos servidores desta Casa, à assessoria dos mandatos do deputado Zezéu Ribeiro e do nosso mandato, pelo companheirismo na realização deste evento.

Neste momento damos por encerrada esta sessão, convidando a todos para um coquetel no salão ao lado.